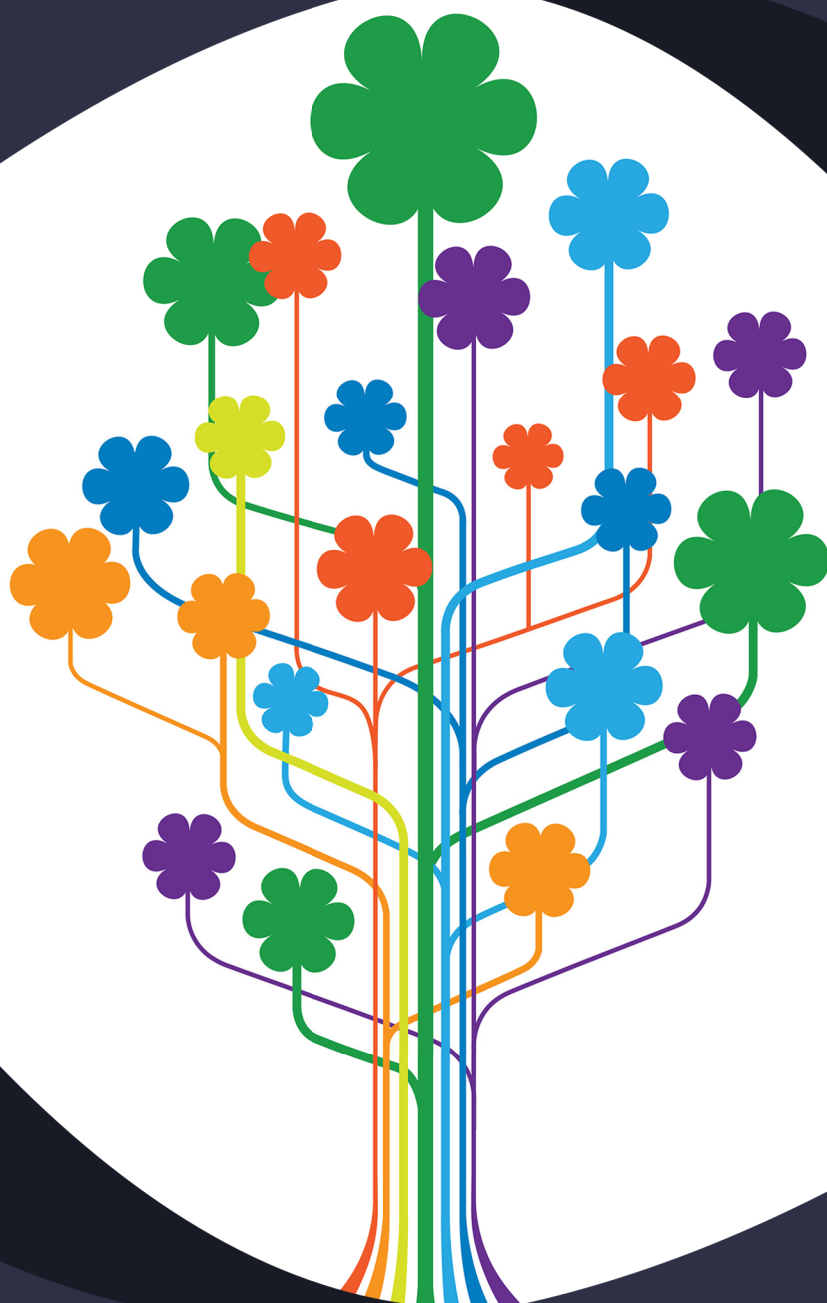


Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:
Caminhos para a Inclusão 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 2 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-724-6 DOI 10.22533/at.ed.246191710 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial.*

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

I. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Desafios e reflexões

CAPÍTULO 1 1

A CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL

Samantha Camacam de Moraes

Verônica Catharin

Lúcia Pereira Leite

DOI 10.22533/at.ed.2461917101

CAPÍTULO 2 14

OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM PANORAMA DA NECESSIDADE DA INCLUSÃO ESCOLAR

André Luiz Alvarenga de Souza

DOI 10.22533/at.ed.2461917102

CAPÍTULO 3 32

O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Raimunda Fernandes da Silva Souza

Rozineide Iraci Pereira da Silva

Nair Alves dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.2461917103

CAPÍTULO 4 42

O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES FIGURAÇÕES ESCOLARES

Keli Simões Xavier Silva

Euluze Rodrigues da Costa Junior

DOI 10.22533/at.ed.2461917104

Surdez

CAPÍTULO 5 53

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Júlia Martins Bárbara Rodrigues

Cintia Resende Correa

DOI 10.22533/at.ed.2461917105

CAPÍTULO 6 61

BIBLIOTECA INCLUSIVA: MEDIAÇÃO COM O USUÁRIO SURDO

Bruna Isabelle Medeiros de Moraes

Laís Emanuely Albuquerque Dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.2461917106

Superdotação/altas habilidades

CAPÍTULO 7 69

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Elivelton Cardoso Viera
Camila Siqueira Cronemberger Freitas
Carolina Martins Moraes

DOI 10.22533/at.ed.2461917107

CAPÍTULO 8 80

ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

Maria Luzia dos Santos Moreira

DOI 10.22533/at.ed.2461917108

Deficiência Visual

CAPÍTULO 9 93

BIOLOGIA INCLUSIVA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Andressa Antônio de Oliveira
Karina Carvalho Mancini

DOI 10.22533/at.ed.2461917109

CAPÍTULO 10 100

O USO DO SOROBAN NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Raffaella de Menezes Lupetina
Marta Maria Donola Victorio
Margareth Oliveira Olegário

DOI 10.22533/at.ed.24619171010

CAPÍTULO 11 111

EM DIREÇÃO ÀS BIBLIOTECAS INCLUSIVAS NO SUPORTE AOS DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO DOCUMENTAL SOBRE OS DIRECIONAMENTOS DO IFPE NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Ada Verônica de Novaes Nunes
Ivanildo José de Melo Filho

DOI 10.22533/at.ed.24619171011

Educação Básica

CAPÍTULO 12 124

LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

André Henrique Furtado Torres
Eva Alves da Cruz
Victor Hugo de Oliveira Henrique

DOI 10.22533/at.ed.24619171012

CAPÍTULO 13 134

O TRABALHO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rafaela de Batista
Ana Lídia Penteado Urban
Luci Pastor Manzoli

DOI 10.22533/at.ed.24619171013

CAPÍTULO 14 143

AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rozineide Iraci Pereira da Silva
Nair Alves dos Santos Silva
Maria Aparecida Dantas Bezerra
Ana Cláudia Xavier Da Silva
Diógenes José Gusmão Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.24619171014

CAPÍTULO 15 153

COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE

Larisse Lorrane Monteiro Moraes
Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade
Priscila Lorena Souza Palhano
Sara Maria Silva de Miranda
Fernanda Pinheiro Castro
Bianca Sousa Geber
João Mailson da Silva Quaresma
Larissa Cesarina Mota Gomes

DOI 10.22533/at.ed.24619171015

CAPÍTULO 16 163

DESIGN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO

Maria Carolina Frohlich Fillmann
Karen Mello Colpes
Elisa Bonotto do Couto

DOI 10.22533/at.ed.24619171016

CAPÍTULO 17 176

ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS: MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Monique Vanzo Spasiani

DOI 10.22533/at.ed.24619171017

CAPÍTULO 18 190

ENSINO PARA SURDOS E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E DE IDENTIDADE

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Gilmar Garcia Marcelino

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.24619171018

Ensino Superior

CAPÍTULO 19 200

OS DESAFIOS DAS IES NA ADESÃO DOS PROFESSORES À INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Gama Cunha Carvalho

Jaylla Fernanda Ferreira de Oliveira Raeli

Vanessa do Amaral Tinoco

DOI 10.22533/at.ed.24619171019

CAPÍTULO 20 205

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MANUAL DIRECIONADO AOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Jane de Carlos Santana Capelli

Nuccia Nicole Theodoro De Cicco

Julia Barral Dodd Rumjanek

Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek

DOI 10.22533/at.ed.24619171020

CAPÍTULO 21 220

DESAFIOS PARA A (RE) INCLUSÃO DISCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Karla Rona da Silva

Shirlei Moreira da Costa Faria

Jhonatan Gomes Vieira Frois

Sara Moura Martins

Elizabeth Cristina Pereira Morbeck

Sônia Maria Nunes Viana

DOI 10.22533/at.ed.24619171021

Gestão e Inclusão

CAPÍTULO 22	231
TRABALHO COLABORATIVO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA A ARTICULAÇÃO DO GESTOR	
Elizete Varusa Seneda	
Eladio Sebastián-Heredero	
DOI 10.22533/at.ed.24619171022	
SOBRE A ORGANIZADORA	236
ÍNDICE REMISSIVO	237

COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE

Larisse Lorrane Monteiro Moraes

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Priscila Lorena Souza Palhano

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Sara Maria Silva de Miranda

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Fernanda Pinheiro Castro

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Bianca Sousa Geber

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

João Mailson da Silva Quaresma

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

Larissa Cesarina Mota Gomes

UEPA – Universidade do Estado do Pará
Moju - PA

RESUMO: A pesquisa evidencia questões que abordam a compreensão e concretização da inclusão social das crianças com deficiência, na visão de dois professores da Escola Municipal

de Ensino Infantil Dona Zila e de um professor que atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Antônio de Oliveira Gordo, ambas localizadas no município de Moju- Pará. O projeto faz uso de métodos qualitativos com o objetivo discutir a permanência dos alunos com deficiência na visão dos professores de escolas públicas de ensino regular. A partir das análises dos resultados adquiridos ao longo do trabalho, é possível inferir que as instituições de ensino necessitam de adaptações emergenciais para a estadia destes alunos, entendendo que a presença do discente em sala não significa aprendizagem, para isto, é imprescindível que ocorra a efetivação de um método de ensino participativo tanto da coordenação escolar quanto dos professores dentro de sala.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial. Educação Inclusiva. Inclusão.

HOW REGULAR ROOMS RECEIVE AND
POSSIBILITATE THE PERMANENCE OF
DISABLED STUDENTS IN THEIR TEACHING
AND LEARNING PROCESS: A TEACHING
VISION

ABSTRACT: The research evidences questions that approach the understanding and concretization of the social inclusion of children with disabilities, in the vision of two teachers

of the Municipal School of Infante Dona Zila and of a professor who works in the Municipal School of Elementary and Middle School Antônio de Oliveira Gordo, both located in the municipality of Moju-Pará. The project uses qualitative methods with the objective of discussing the permanence of students with disabilities in the view of the teachers of public schools of regular education. Based on the analysis of the results acquired during the course of the study, it is possible to infer that educational institutions require emergency accommodations for the students' stay, understanding that the presence of the student in the classroom does not mean learning. For this, it is imperative that effectiveness of a participatory teaching method of both school coordination and teachers within the classroom.

KEYWORDS: Special education. Inclusive education. Inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

Em um contexto histórico marcado por inúmeras mudanças sociais e educacionais, observa-se a importância de discutirmos acerca de educação inclusiva, a qual, caracteriza-se como uma modalidade que engloba educandos com todo tipo de deficiência e/ou com altas habilidades em escolas de ensino regular.

A instituição de ensino inclusiva possui diversidades que oferecem melhorias no ensino de todos os discentes, seja este, com deficiência ou não, contudo, o que se nota na grande maioria das escolas públicas é a inexistência desta modalidade de ensino, onde as turmas são marcadas por uma fragmentação de alunos dentro de sala, de um lado, estão os educandos que apresentam resistência na aproximação com os discentes que são diferentes a eles, onde estes desfrutam de uma escola que fornecem os subsídios necessários para o seu aprendizado, de outro, se encontram os alunos com deficiência, que possuem ajuda escolar e em alguns casos professor/cuidador, onde os mesmos aprendem a conviver com várias diferenças de forma natural e harmonizada, desenvolvendo e reproduzindo o respeito mútuo com o seu colega, porém, se deparam com inúmeras barreiras quando se trata de estrutura e matérias concretos especializado para o seu aprendizado. (JESUS, 2010; SILVA, 2014)

É imprescindível mencionar, que a inclusão, quando de fato é posta em prática, ajuda a combater o preconceito buscando o reconhecimento e a valorização das diferenças por meio das competências, capacidades e potencialidades de cada um, e independente da deficiência, é fundamental que sejam oferecidas condições para que o indivíduo se desenvolva dentro de suas especificidades e individualidades desde os primeiros anos de vida. (SILVA, 2014)

Portanto, com o intuito de relatar a inserção do aluno com deficiência no ensino regular, esta pesquisa engloba as seguintes questões norteadoras: como são feitas as adaptações dos materiais didáticos para o processo de ensino e aprendizagem destes educandos? Quais os tipos de deficiência que as instituições mais apresentam?

Como os alunos sem deficiência recebem os alunos com deficiência? Como os professores incluem os alunos com deficiência nas atividades em sala? A estrutura da escola é adaptada para receber alunos com todo tipo de deficiência? A quanto tempo a escola recebe alunos com deficiência? Quantos alunos com deficiência compõem o corpo estudantil atualmente? por intermédio destas interrogativas é possível formular o nosso objetivo principal: Discutir a permanência dos alunos com deficiência na visão dos professores de escolas públicas de ensino regular.

Levando em consideração a viabilidade da presente pesquisa, o trabalho de campo foi realizado em duas escolas que recebem alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais) em suas salas regulares de ensino. À vista disso, este estudo apresenta tópicos estratégicos que perpassam desde o referencial teórico, seguido da metodologia e resultados, finalizando com as considerações finais.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

A Lei de nº 9.394/96, referente a Diretrizes e Bases da Educação, descreve no capítulo V, artigo 58 que a Educação Especial, é a categoria de educação escolar ofertada para alunos com necessidades especiais, de preferência na rede de ensino regular, logo, a inclusão deve ser prioridade das escolas, sendo que está deve se adaptar para receber todos os alunos, independentemente de sua especialidade e faixa etária.

De acordo com o artigo 41 da Resolução nº 07, de 14 de dezembro de 2010

Tanto o projeto político pedagógico como o regimento escolar deverá dar melhores condições de acesso e permanência dos alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades nas classes comuns do ensino regular, dando ênfase ao processo de inclusão nas escolas públicas e privadas na busca da universalização do atendimento.

Assim, a inclusão é um processo extenso consumando-se de maneira contínua, pois, ainda existem muitas barreiras que impedem o desenvolvimento acelerado da mesma, por conta disso é fundamental que as pessoas conheçam e compreendam o que é a inclusão escolar.

Conjuntamente a concepção acima exposta, a resolução CNE (Conselho Nacional de Educação) /CEB (Câmara de Educação Básica) nº 2, de 11 de setembro de 2001, a qual institui as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica afirma em seu Art 2º que,

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

Portanto, todas as escolas, sendo particulares ou públicas devem estar preparadas estruturalmente e profissionalmente para receber os educandos com deficiência, garantindo-lhes uma educação qualificada e eficaz, que o possibilitarão

avançar em seu processo de ensino-aprendizagem. A respeito disso, Mazzotta (2005, p. 07), explana que as modificações são necessárias no funcionamento e na sistematização da educação escolar, para que os alunos com necessidades educacionais possam ser atendidos de forma satisfatória, quando se trata do seu desenvolvimento cognitivo.

Deste modo, a inclusão educacional ocorre por meio de modificações em ambientes físicos, espaços internos ou externos, equipamentos, aparelhos, meios de transporte, e etc. Estas medidas contribuirão para uma nova sociedade em que a convivência por intermédio destas transformações, sendo grandes ou pequenas, consistem na mudança da sociedade a favor das pessoas com deficiência. (SASSAKI, 1999)

Para compreender essa afirmação, é interessante realçar que a sociedade possui um papel muito importante no processo de inclusão das pessoas com deficiência, não só no campo educacional, mas também no campo social em geral.

Em virtude disto, o pesquisador Mazzotta (1989, p.39) exprime que:

Educação Especial é um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, para garantir a educação formal dos educandos que apresentam necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens

Pois, para exercer a educação especial é necessário que haja um leque de alternativas que possam suprir as necessidades de cada discente.

Para termos uma compreensão mais profunda a respeito do que foi citado anteriormente e sobre seu significado no sistema escolar, o apoio e a suplementação são colaborações educacionais fundamentais direcionados para o âmbito escolar e discentes com necessidades educacionais especiais. (MAZZOTTA, 1997, p. 15-16)

Entendendo que, o “apoio”, dá-se quando um professor especializado instrui a equipe da escola e o professor da classe comum, além de prestar atendimento ao aluno auxiliando-o em suas necessidades educacionais especiais. Suplementação, ocorre quando um profissional especializado orienta os professores das classes comuns e presta atendimento ao aluno mediante o desenvolvimento de atividades e conteúdos curriculares específicos

Diante de todo conteúdo estudado e exposto neste tópico, torna-se visível que os recursos e serviços referentes a didática do processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência, sejam apresentados de maneira natural na vida dos alunos que precisam de suportes educacionais especializados, entendo por fim, que

Com uma visão mais ‘moderada’ da educação inclusiva, o destino da educação especial alarga seu leque de compromissos, não mais como um sistema paralelo e muito menos com a permanência de suas práticas. Estas precisam ser examinadas, com bom senso e sem os extremismos [...] que nos impedem de perceber falhas e aspectos que precisam ser, urgentemente, modificados. (CARVALHO, 2005, p. 05)

Logo, é possível inferir que as práticas pedagógicas, as metodologias de ensino, e todo os aspectos que englobam a educação de um discente com deficiência, necessitam de efetivação imediata, para garantir que este aluno aprenda, entenda e se torne um cidadão pensante, pois este, é o objetivo central de uma educação de qualidade.

3 | METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é de cunho qualitativo, a qual foi desenvolvida por meio de entrevistas que foram gravadas em aparelhos eletrônicos, sua análise é embasada segundo a obra: “Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade”, a qual explica que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito peculiares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO; DESLANDES; CRUZ NETO, et. Al. 2002, p. 21)

Deste modo, esta pesquisa contempla o ponto de vista dos docentes que exercessem sua profissão em locais que conta com a presença de pessoas com deficiência, portanto, seu desenvolvimento será feito mediante análise das falas destes professores, mostrando e explicando na visão de um educador os significados e conceitos de inclusão escolar.

A sequência de atividades/entrevistas foi realizada nos dias 29 e 30 de janeiro, e posteriormente a 28 e 29 de março de 2019, pelo turno da manhã, em duas escolas da rede pública do município de Moju, localizado no estado do Pará, sendo estas: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Dona Zila e Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Antônio de Oliveira Gordo, nomeadas como escola1 e escola2, na devida ordem. O intuito de retornamos as escolas dois meses depois da primeira entrevista, era analisar se os professores mantinham o mesmo ponto de vista, ou se naquele segundo momento, poderiam vir a contribuir ou, quem sabe a modificar alguma resposta dada no primeiro instante.

Tivemos a contribuição de três professores atuantes nas instituições e por questões éticas de estudo, iremos preservar suas identidades, sendo assim, serão identificados como: P1, P2 e P3.

Tanto no primeiro momento (29/01/2019) quanto no segundo (28/03/2019), nós direcionamos a escola1 e entrevistamos os professores P1 e P2 ao longo de 30min em média, a conversa foi fluindo, e após a primeira pergunta, os docentes se mostraram bastante interessados e dispostos a nos ajudar, visto que, no decorrer da entrevista o professor P1 nos permitiu ter acesso a alguns materiais didáticos utilizados para trabalhar com um aluno deficiente múltiplo. O referido material foi confeccionado

pelo mesmo, sendo preparados com materiais reutilizáveis como mostram as figuras abaixo. O intuito dessas ferramentas é de melhorar o desempenho educacional do discente.



Figura 01: Atividade das formas geométricas

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

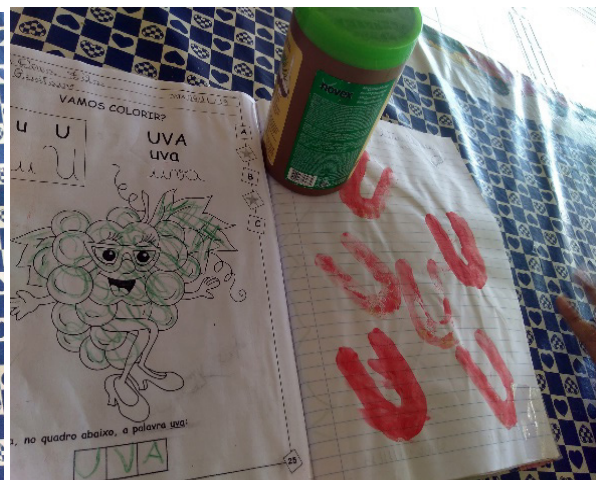


Figura 02: Atividade do carimbo

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

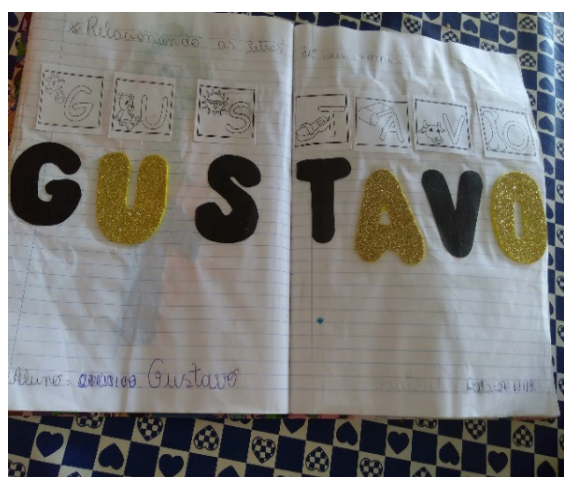


Figura 03: Conhecendo as letras

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)



Figura 04: Monte seu sorvete

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

As figuras 01 e 04, refere-se a uma atividade produzida pelos professores P1 e P2, com o objetivo de trabalhar a cognição e coordenação motora do aluno, neste exercício, aplica-se a capacidade do aluno identificar a diversidade das cores, quantidade e formas geométricas. A figura 02, também faz uso de materiais reutilizados e possui o objetivo de reconhecer as letras e desenvolver a coordenação motora do discente. A atividade exposta na figura 03, tem a intenção de trabalhar o reconhecimento das letras auxiliando também, a coordenação motora do educando.

Já o professor P3, foi entrevistado nos dias 30/01/2019 e 29/03/2019, nosso diálogo ocorreu na escola2, no intervalo de 10min, onde este, nos recebeu de forma prévia nos dois momentos, justificado possuir outros compromissos no instante, sendo assim, não foi possível adquirir um conjunto de informações tão relevante

quando comparado com o P1 e P2, porém, a conversa foi de grande valia para o desempenho desta pesquisa.

Os questionamentos que delimitamos ser pertinentes para responder o objetivo principal, estão exibidos no quadro abaixo, sendo organizado de acordo com a ordem de perguntas cumpridas nos dias de nossa interlocução.

Perguntas direcionadas aos professores entrevistados	
1	Como os alunos sem deficiência recebem os alunos com deficiência?
2	Os professores incluem os alunos com deficiência nas atividades em sala de aula?
3	A estrutura da escola é adaptada para receber alunos com todo tipo de deficiência?
4	Como são feitas as adaptações dos materiais didáticos para o processo de ensino e aprendizagem destes educandos?
5	Quais os tipos de deficiência que os alunos da instituição mais apresentam?
6	Há quanto tempo a escola recebe alunos com deficiência?
7	Quantos alunos com deficiência compõem o corpo estudantil atualmente?

Quadro 01: Perguntas aplicadas nas entrevistas.

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

4 | ANÁLISE E RESULTADOS

As considerações feitas a respeito das respostas dos docentes a nossa entrevista estão dispostas nos quadros abaixo, nos possibilitando confrontar e debater suas explicações, chegando em um conjunto de resultados que satisfazem as questões expostas nesta pesquisa.

Respostas dos docentes P1 e P2	
1	Há uma interação e contato positivo entre os alunos, porém em alguns episódios, mesmo que raros, percebemos a hesitação de alguns colegas na classe, em interagir de maneira mais íntima com o aluno que possui deficiência. Obviamente, nós enquanto educadores, explicamos e tentamos efetivar esses laços afetivos, contudo, em alguns casos, percebemos que os alunos sem deficiências vê o seu próximo como um “coitado”, o tratando com respeito, mas não como um colega que possa vir a contribuir com seu conhecimento em sala, atitude vista de maneira clara, quando fazemos atividades em grupo.
2	Sim, através de adaptações de materiais e de acordo com o conteúdo estudado.
3	A escola é adaptada para receber grande parte dos alunos com deficiência, entretanto, a mesma não supri, na totalidade, todos os amparos estruturais e didáticos necessários para que a educação possa ser classificada como ideal.
4	A adaptação é feita dentro dos limites e dos recursos que possuímos, onde está, é realizada de acordo com as necessidades específicas de cada aluno,
5	Intelectual, sensorial e múltiplas.
6	Aproximadamente dez anos.
7	A escola contém onze educandos com deficiência.

Quadro 02: Respostas dos professores da escola 1

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

Respostas do docente P3	
1	Há uma boa recepção dentro do âmbito escolar não havendo preconceito entre os alunos.
2	Sim, a partir de um trabalho feito dentro da proposta curricular voltado à inclusão.
3	A estrutura física não é adequada, pois o projeto de inclusão volta-se principalmente para a prática pedagógica em sala de aula.
4	O material é adaptado de acordo com as necessidades dos alunos.
5	Intelectual e sensorial.
6	Há sete anos trabalha com o projeto de inclusão.
7	Dezesseis alunos compõe o corpo estudantil.

Quadro 03: Respostas do professor da escola2

Fonte: Autores da pesquisa (Janeiro, 2019)

Ao analisarmos as respostas dos professores P1/P2 e P3, podemos observar que ao confrontarmos a primeira resposta de ambos, conseguimos entender que os corpos estudantis de ambas instituições recebem os alunos com deficiência de maneira positiva, contudo, a resposta dos professores P1/P2, nos mostra uma das situações mais vivenciadas dentro das escolas públicas brasileiras. O aluno, não consegue ver a troca de conhecimento quando trabalha com o aluno que possui deficiência, neste momento e principalmente, nestas situações, os docentes em salas, precisam encontrar saídas metodológicas que faça com que exista essa mediação de saber entre esses alunos.

Nas respostas correspondentes a segunda questão, podemos inferir, que as escolas citadas há a adaptação de materiais didáticos para atender as necessidades específicas de cada aluno e, sendo assim, existe a integração do aluno com deficiência nas atividades em sala.

Já as observações feitas nas respostas de número 03, percebemos que a escola1 possui uma estrutura física mais adequada para receber alunos com deficiência, porém, requer algumas melhorias minuciosas e essenciais para o bem estar desses alunos, divergente da escola2, que não é apropriada fisicamente para receber estes discentes, no entanto, podemos inferir na resposta de número 04 , que as escolas citadas fazem a adaptação de materiais didáticos para atender as necessidades específicas de cada aluno, obviamente, este amoldamento, é feito dentro das possibilidades das instituições, ou seja, essa adequação em alguns casos, não aborda todos os aprendizados de determinado conteúdo, fato resultante da delimitação dos recursos escolares

As análises das respostas de número 05, esclarece que as deficiências mais comuns na escola1 são intelectuais, sensoriais e múltiplas, já na escola2, são apenas intelectuais e sensoriais. A resposta 06, mostra que a escola1 é teoricamente mais experiente no ramo da inclusão, pois trabalha com alunos deficientes há aproximadamente dez anos, contado atualmente com onze alunos com deficiência, como evidencia a resposta de número 07, enquanto que a escola2 aplica a inclusão há sete anos e possui dezesseis alunos deficientes no corpo estudantil.

Por fim, é possível analisar que as respostas obtidas nas entrevistas com os professores P1/P2 da escola1, e o professor P3 da escola2 foram de extrema importância, para percebermos que as instituições realizam uma preparação para a recepção dos alunos com deficiência, porém, de acordo com observações nas escolas durante as entrevistas, notamos que os suportes inclusivos das instituições educacionais não suprem 100% necessidades de um aprendizado satisfatório, deixando a desejar em alguns pontos específicos, como: estrutura física das instituições, atendimentos especializados educacionais e diversificação das ferramentas palpáveis para a elaboração dos materiais didáticos dos alunos com deficiência.

5 | CONCLUSÃO

Dessa forma, é inquestionável o quanto a inclusão ainda é um desafio a ser vencido em nossa sociedade, já que vivemos em um país onde o preconceito se faz presente e está enraizado em sua história.

Na área educacional, esta discriminação transparece dentro de sala, no momento em que é observada a separação entre os educandos com deficiência dos educandos sem deficiência, criando assim, um vácuo entre eles. Entretanto, é nessa questão que os professores entram em ação para elaborar metodologias que visem a inclusão desses discentes no âmbito escolar. Sendo assim, todos devem estar preparados as adaptações, não só o professor, mas todo o corpo escolar, para que dessa maneira ocorra de fato a inclusão.

Esta pesquisa, fez uso de perguntas exclusivas direcionadas para os docentes de ambas escolas, e ao decorrer das entrevistas foram sendo esclarecidas as dúvidas existentes em cada pergunta, estes diálogos com os profissionais foram de extrema relevância para o desenvolvimento do trabalho, pois formaram uma ponte para chegarmos aos resultados pretendidos.

Diante dos estudos feitos acerca do tema, é possível inferir que a Escola1 e a Escola2 necessitam de verbas do município para se padronizarem e/ou ampliarem como escolas inclusivas, e conseqüentemente se adaptem para receber todos os alunos.

Desta maneira, nenhuma dificuldade deve ser considerada tão alarmante a ponto de impedir a busca insaciável pela inclusão, uma vez que, é garantido o direito a educação de qualquer indivíduo, seja ele com deficiência ou não. Então, torna-se fundamental que haja uma transformação no sistema de ensino, ou, uma efetivação das práticas inclusivas, compreendendo e respeitando as especificidades de cada sujeito.

Assim, acreditamos que esta pesquisa é uma porta aberta para os estudos referentes a esta temática, podendo ser utilizada como um diagnóstico das carências que as duas escolas do município de Moju apresentam em relação a educação

inclusiva, não deixando de mencionar, que este trabalho foi primordial para nosso entendimento em relação a inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. E. Educação Inclusiva: do que estamos falando?. **Revista do Centro de Educação**, v. 2, n. 26, p. 1-7, Ago, 2005.

GUISSO, S. M. **A inclusão de crianças deficientes na escola regular: o olhar dos professores**. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/58%20A%20INCLUS%C3%83O%20DE%20CRIAN%C3%87AS%20DEFICIENTES%20NA%20ESCOLA%20REGULAR%20O%20OLHAR%20DOS%20PROFESSORES.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

JESUS, S. C. **Inclusão escolar e a educação especial**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a8.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MAZZOTTA, M. J. S.; SOUSA, S. M. Z. L. Inclusão escolar e educação especial: considerações sobre a política educacional brasileira. **Estilos da Clínica**. v.5, n.9, p. 96-108, nov, 2000.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

SOBRE A ORGANIZADORA

MICHÉLLE BARRETO JUSTUS Mestre em educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2015, especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE) em 2009, pedagoga graduada pela UEPG em 2002 e graduada em Psicologia pela Faculdade Sant’Anna (IESSA) em 2010. Autora do livro “Formação de Professores em Semanas Pedagógicas: A formação continuada entre duas lógicas”. Atua como pedagoga na rede estadual de ensino.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Altas habilidades 39, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136, 146, 151, 154, 155, 207

Autismo 1, 3, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41

B

Biblioteca inclusiva 61, 62, 63, 64, 66, 67, 113, 116

Biscuit 93, 94, 95, 97

C

Crianças autistas 14, 16, 21, 24, 29, 31, 38

Cultura Popular 1, 4, 5, 7, 8, 12

D

Deficiência visual 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 166, 175

Deficientes auditivos 61, 62

Democratização 143, 144

Desenvolvimento Infantil 1, 23

Design 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 175, 209

Design Universal para a Aprendizagem 163, 164, 165, 166, 167

Dinâmica pedagógica 163

E

Educação básica 12, 22, 26, 32, 47, 57, 127, 134, 137, 155, 174, 188, 215

Educação de Surdos 42, 44, 49, 53, 58, 59, 60, 129, 132, 176, 177, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 199, 205, 206

Educação Especial 1, 12, 16, 19, 20, 21, 26, 30, 31, 33, 36, 41, 42, 44, 51, 52, 62, 74, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 90, 92, 93, 94, 109, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 152, 155, 156, 162, 169, 174, 188, 200, 206, 217, 218, 221, 227, 228, 235

Educação Inclusiva 1, 4, 12, 13, 15, 18, 20, 21, 24, 32, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 57, 62, 70, 75, 78, 80, 83, 90, 92, 94, 113, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 174, 175, 203, 205, 206, 207, 216, 217, 221, 222, 227, 228, 229, 231, 232, 235

Educação Infantil 21, 25, 51, 52, 54, 79, 106, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 141

Ensino 1, 4, 5, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236

Ensino alternativo 93

Ensino-Aprendizagem de Inglês como LE 176

Ensino de línguas 182, 187, 188, 190

Estratégias de Ensino 16, 151, 176, 178, 179, 187, 194

H

Habilidades intelectuais 14, 16

História 5, 8, 9, 10, 11, 12, 28, 29, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 82, 113, 114, 115, 124, 125, 126, 132, 146, 147, 161, 162, 178, 195, 196, 200, 201, 220, 222

I

Inclusão escolar 12, 14, 16, 22, 32, 33, 39, 60, 70, 75, 123, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 142, 144, 145, 151, 155, 157, 162, 189, 200, 201, 203, 218, 235

Inclusão social 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 118, 128, 153, 186, 198

L

Letramento de surdos 190, 193

LIBRAS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 183, 187, 188, 190, 192, 193, 217, 218

M

Material Didático 95, 96, 97, 98, 102, 176, 185, 187

N

Norbert Elias 42, 43, 45

P

Prática docente 17, 32, 34, 35, 40, 78

Produção de materiais 93, 98

Professor especializado 14, 16, 21, 156

Psicologia Educacional 1

Psicólogo Escolar Educacional 69, 70

R

Relato de Experiência 3, 11, 99, 134, 220, 222, 223, 225

S

Sociedade 2, 5, 6, 12, 17, 19, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 63, 65, 68, 72, 74, 82, 83, 88, 94, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 156, 161, 162, 164, 171, 172, 187, 190, 192, 193, 198, 199, 207, 215, 221, 227, 228

Soroban 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Superdotação 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136

Surdos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 146, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

T

Trabalho Colaborativo 134, 136, 139, 231, 233, 234, 235

Tradutor Intérprete de Libras 42

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-724-6



9 788572 477246